



Evolução histórica do radiojornalismo paraibano¹

Moacir Barbosa de Sousa²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Este trabalho procura fazer um breve relato da evolução do radiojornalismo paraibano, tendo como pano de fundo alguns aspectos políticos, econômicos e culturais da sociedade nordestina. O rádio chegou à Paraíba em 1931 com a inauguração da Rádio Club da Paraíba, visando enfrentar a penetração da Rádio Clube de Pernambuco, PRA-8, que tinha muita audiência na capital paraibana e disseminava produtos do comércio pernambucano em João Pessoa. A emissora inaugurada na Paraíba seguiria o modelo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro no campo da estrutura administrativa e programação (radiojornalismo, auditórios e novelas). Os noticiários seguiam o modelo do Repórter Esso e aos poucos foram surgindo jornais falados com meia hora de duração, seguindo o padrão adotado nas emissoras do Rio de Janeiro e São Paulo.

Palavras-chave

Radiodifusão; Radiojornalismo; História

EVOLUÇÃO DO RADIOJORNALISMO PARAIBANO

Introdução

No jargão televisivo *uma imagem diz tudo*. Tal imagem possibilita, por exemplo, acreditar que o homem realmente desceu na Lua. Todos lembram do estudante chinês desafiando o tanque de guerra durante o massacre da Praça da Paz Celestial. No rádio, à falta de imagens, busca-se o texto forte, informativo, de boa qualidade. A entrevista gravada ou ao vivo é o recurso radiofônico que substitui a imagem na televisão. O veículo utiliza uma gama variada de estímulos sonoros e a voz do locutor será um fator de capital importância. A impostação de voz, o timbre a altura e o simples “atenção ouvintes!” serão suficientes para dar credibilidade à informação. A exibição de imagens na televisão leva ao esquecimento de análise dos fatos que geraram aquelas imagens que são mostradas.

O rádio nasceu sob a égide da palavra e com potencialidades educativas e jornalísticas. As primeiras emissões, no mundo, foram de cunho jornalístico, embora na ocasião não tomasse esse título. *The Times*, de Londres, cobriu a revolução soviética de

¹ Trabalho apresentado ao NP História da Mídia Sonora no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Rádio e Televisão pela ECA/USP. Pesquisa a história do rádio nordestino e a história tecnológica da radiodifusão. Publicou o livro *Do Gramofone ao satélite- evolução do rádio paraibano*, baseado na tese de doutorado. moacirbs@interjato.com.br



1917 utilizando um posto de radiotelegrafia durante as 24 horas do dia, mandando as notícias para o resto do mundo. Por essa façanha, o jornal londrino clama para si o pioneirismo do radiojornalismo mundial. A primeira reportagem do rádio foi realizada por Marconi, quando, a pedido do jornal **Dublin Express**, cobriu as regatas de Kingston. Colocando seu equipamento a bordo de um rebocador, Marconi seguiu as regatas acompanhado de um repórter do jornal. Durante o evento, o repórter ditava a matéria para Marconi, que reproduzia as suas palavras através de um manipulador de Código Morse. A recepção feita em terra era interpretada e enviada ao jornal por telefone.

O presente trabalho relata a evolução do radiojornalismo paraibano, tendo como pano de fundo os aspectos políticos, econômicos e culturais da sociedade nordestina, levando em consideração ainda a busca de modelos no rádio do eixo Rio - São Paulo. Os informativos, novelas e programas de auditório paraibanos seguiam o padrão da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

História

O Repórter Esso, considerado modelo de radiojornalismo, estreou em 28 de agosto de 1941, na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, e na Rádio Record, de São Paulo para servir de porta-voz do andamento da II Guerra Mundial, em especial das ações dos exércitos americanos na Europa. Tornou-se logo um dos noticiários de maior audiência no rádio brasileiro. Sua pontualidade era tal, que à fanfarras composta pelo maestro Carioca para sua característica musical, os relógios eram acertados. Seu locutor mais famoso foi Heron Domingues cuja carreira começou em Porto Alegre, na Rádio Gaúcha.³ Em 1944 Domingues transferiu-se para o Rio e se tornou o locutor exclusivo do Repórter Esso. A United Press International, UPI, que fornecia matérias para o

³ Em agosto de 1974, Heron Domingues noticiou o fim da carreira política de Richard Nixon e logo em seguida morreu de ataque cardíaco. Gaúcho de São Gabriel, Domingues nasceu em 1924. Em dezembro de 1941, data do ataque japonês a Pearl Harbor, fez um teste para cantor na Rádio Gaúcha. Como houve falta de locutores na emissora, foi mandado às pressas para o microfone a fim de noticiar o ataque, o que ele fez sem hesitação e a sangue-frio. Durante a guerra, quando apresentava o Repórter Esso na Rádio Nacional, ficava direto na estação informando o desenrolar do conflito. Dormia numa cama exclusiva colocada no próprio estúdio, com os fones colocados nos ouvidos e uma linha direta com a UPI que originou grandes furos jornalísticos. No entanto, o locutor Carlos Frias, da Rádio Tupi, furou o Repórter Esso ao divulgar o fim da II Guerra. Os ouvintes não acreditaram na notícia, porque não foi veiculada pela Rádio Nacional. Indignado, Heron Domingues ligou para a UPI e responderam que “deve ter sido a Associated Press passando adiante dos fatos, Aguarda-se o fim da guerra a qualquer instante mas ainda não se tem confirmação”. Chamando uma edição extraordinária, Domingues anunciou que o Repórter Esso estava atento à espera da confirmação do fim do conflito, que a UPI ainda não tinha notícias acerca do acontecimento e que os fatos divulgados ainda eram prematuros. A Rádio Nacional teve de ser protegida pela polícia porque agitadores acusavam o Repórter Esso de derrotista e fascista e ameaçavam apedrejar a emissora. No entanto, a guerra realmente acabara como anunciou Carlos Frias. Um professor de Direito da Faculdade Cândido Mendes chamou Heron Domingues, na frente dos alunos, de “gênio da califasia” – a arte de bem pronunciar as palavras.



Repórter Esso, foi fundada em 15 de julho de 1918. Emil Farhat, considerado o “pai do Repórter Esso” criou os slogans “o primeiro a dar as últimas” e “testemunha ocular da história”.

O manual do Repórter Esso foi o pioneiro do Radiojornalismo brasileiro, que, entre outras normas, ditava:

É de 5 minutos a duração no ar de cada edição normal do Repórter Esso. Vinte segundos a abertura e encerramento, 4 minutos notícias locais, nacionais e internacionais. Quarenta segundos mensagem comercial. [...] Abertura será padronizada: ‘Prezado ouvinte, bom dia (boa tarde ou boa noite). Aqui fala o Repórter Esso, um serviço público da Esso Brasileira de Petróleo e dos revendedores Esso com as últimas notícias UPI’. Encerramento: ‘O Repórter Esso voltará ao ar logo mais (ou amanhã) às(...)horas. Até lá, muito bom dia (boa tarde ou boa noite) e...lembre-se: dá gosto parar num posto Esso’.

Ainda segundo as normas, o texto deveria ser escrito sempre na ordem direta, evitando-se as orações intercaladas. Cada edição do informativo deveria conter 40% de notícias locais, 40% de notícias nacionais e 20% de notícias internacionais. O conceito de “furo” subordinava-se à verdade do acontecimento; precisava dar a notícia certa, se possível, em primeira mão. Heron Domingues fundou em 1948, na Rádio Nacional, uma seção de jornais falados e reportagens com a finalidade de dar uma linguagem própria ao radiojornalismo. Até esta época, e pouco antes da chegada do manual de redação, o Repórter Esso era apresentado com os telegramas lidos da forma que chegavam diretamente da agência UPI. Heron Domingues descobriu a medida de tempo de leitura de uma notícia, que correspondia a 15 linhas por minuto.

O radiojornalismo brasileiro pode ser dividido nos seguintes períodos: fase dos comentaristas, de 1923 até 1941 (Roquette Pinto pode ser incluído nesta fase pela forma como apresentava o *Notícias da Manhã*); fase dos boletins de cinco minutos, onde destacou-se o Repórter Esso, estendendo-se de 1941 a 1946; e a fase dos jornais falados, de 1946 a 1948, quando o radiojornalismo implantou sua linguagem no veículo.

Roquette Pinto apregoava que o rádio teria papel de destaque no campo da educação e afirmava: “todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão livremente o conforto moral da ciência e da arte... pelo milagre das ondas misteriosas que transportam, silenciosamente, no espaço, as harmonias”. O próprio Roquette apresentava o *Notícias da Manhã* na Rádio Educadora do Rio de Janeiro, como se chamou depois a Rádio Sociedade - foi o primeiro *âncora* do rádio brasileiro. Seu estilo consistia em selecionar notícias dos jornais do dia, que ele lia de forma coloquial comentando as principais notícias e lançando, dessa forma, o radiojornalismo. Sua filha, Beatriz ROQUETTE, lembra:



Ele fazia o Jornal da Manhã de uma maneira muito original: ele pegava todos os jornais do dia e com um lápis vermelho riscava todas as notícias que ele achava interessante para o Rádio. Depois que ele estava com todos os jornais riscados... ele tinha um telefone direto para a Rádio Sociedade...ele mandava o técnico pôr a estação no ar e ele, então, ele mesmo falava sobre cada assunto.⁴

Política e radiodifusão na Paraíba

Os primeiros noticiários na radiodifusão da Paraíba remontam à divulgação dos atos do governo estadual no período em que a Rádio Difusora da Paraíba realizava suas primeiras transmissões, em 1937. Vale lembrar que a nova emissora fora doada ao governo do Estado da Paraíba pelos fundadores da Rádio Clube da Paraíba, que havia iniciado suas transmissões em 1931. Para isso, o diretor da nova estatal Francisco Sales buscou apoio publicitário no comércio e conversou com altos funcionários do governo para conseguir os atos governamentais.

O político paraibano José Américo de Almeida⁵ era coordenador político das regiões Norte e Nordeste, na ditadura Vargas. Cabia-lhe a indicação de interventores nos estados dessas regiões. Argemiro de Figueiredo, interventor da Paraíba na época, traça planos visando tornar a Rádio Clube (depois Rádio Difusora e logo depois Rádio Tabajara) “instrumento de ação governamental voltado para a instrução pública”. José Américo influencia na estruturação da nova emissora, que seria porta-voz do governo estadual, ao lado do centenário jornal *A União*, tomando como modelo a seguir a Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

O radiojornalismo paraibano desenvolveu-se com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial após o torpedeamento de navios brasileiros. Cada vez mais se ouvia o Repórter Esso nos aparelhos receptores sintonizados nas Ondas Curtas da Rádio Nacional. A Rádio Tabajara programou a transmissão dos boletins noticiosos da BBC de Londres informando o andamento do conflito na Europa. Foi criado também o programa *Do Teatro da Guerra*, que consistia em crônicas escritas pelo próprio diretor da emissora Abelardo Jurema. Uma delas foi parar na emissora londrina, que solicitou permissão para retransmiti-la, o que foi feito com sucesso: “Pedimos autorização para irradiar no dia 20 de janeiro [de 1942], às 22 horas, hora do Rio, um dos seus comentários de guerra. Não mencionaremos seu nome sem permissão. Caso não lhe incomode, é favor telegrafar. BBC”.⁶ O jornal também publicava os boletins e

⁴Depoimento ao programa *Pioneiros e Desbravadores*, série *O Rádio no Brasil*. *Collector's*, 1988.

⁵ Além de político, José Américo foi escritor. Sua obra mais importante é *A Bagaceira* de cunho regionalista.

⁶ Jornal oficial do governo do estado *A União*, 20 jan. 1942.



programas da BBC, como indica esta correspondência enviada pela direção da estação de Londres para Abelardo Jurema que dizia:⁷

Temos em nosso poder a muito amável carta de V.S., de 25 de julho, em que, com termos que sobremaneira nos desvanece, se dignou enviar-nos impressões relativas aos nossos boletins. Enche-nos de legítimo esforço o sabermos que com o nosso esforço temos atingido o nosso objetivo – estreitamento de relações com os rádio-ouvintes do Brasil, grande nação amiga – e temos o prazer de lhe anunciar que, logo que os serviços do correio retomem a normalidade, o que não tardará, esperamos de novo publicar o nosso boletim para o Brasil, que gostosamente enviaremos a V.S., a fim de poder manter os seus leitores ao corrente das nossas atividades. Tomamos conhecimento dos recortes de notícias que foram publicados na ‘A União’, que V.S. teve igualmente a gentileza de nos enviar. Assim, reiterando os protestos da nossa maior estima, muito agradecemos a V.S., as sugestões que nos possa enviar no sentido de nos aproximar o mais possível dos rádio-ouvintes brasileiros. Sem outro motivo, subscrevemo-nos com a mais alta estima e consideração. De V.S. atenciosamente R.D.Barker.

As crônicas continuaram a ser irradiadas pela emissora de Londres que, em pagamento, passou a mandar dois mil réis mensais, considerado uma fortuna na época, dinheiro que ia para o caixa da Rádio Tabajara. Essa articulação resultou em que o ouvinte fosse mais bem informado sobre a movimentação na frente de batalha:⁸

Às vinte e duas horas, devido aos esforços de abnegados rádio-escutas encarregados de captar o noticiário das vinte e uma horas da BBC de Londres para o Brasil, ia ao ar importante seqüência sobre a Segunda Guerra, acompanhada em casa pela população amarrada a rádios Phillips e Telefunken, bem como galenas montadas dentro de caixas de charutos e, na praça João Pessoa, pelos que, confiantes no bonde das vinte e duas e trinta, se postavam junto a possante cadeia de alto-falantes.

O quadro de locutores da Rádio Tabajara buscava o modelo dos noticiaristas das emissoras do Rio, São Paulo e Recife. Antônio Magalhães, Luiz Fagundes, Botelho Luna, Walter Lins e Humberto Rabelo eram o time de frente dos *speakers* da emissora oficial. No grupo destacou-se também Jaira Maia, considerada uma das primeiras mulheres a profissionalizar-se no Rádio paraibano.⁹ A qualidade desses locutores levou a direção da emissora oficial a estruturar seu setor de radiojornalismo. O primeiro noticiário com horários determinados, inspirado no Repórter Esso, foi o *Mensageiro do ar Carvalho Dutra*, que evoluiu depois para o *Informativo Tabajara*. A exemplo do noticiário da Esso Brasileira de Petróleo, o Informativo passou a ter um locutor exclusivo, Paulo Rosendo, já falecido, e até o tema musical do noticiário paraibano lembrava a fanfarra composta pelo maestro Carioca.

⁷ Idem, 2 set. 1941, p.4.

⁸ MELLO, 1987, p. 9.

⁹ A radialista aposentada **Nauda de Abreu**, iniciou-se no Rádio paraibano em 1951 como cantora e locutora encarregada da leitura dos *reclames* nos programas de auditório na Rádio Arapuan; aposentou-se em 13 de abril de 1983. Ela conta que a mulher não era bem vista por trabalhar no Rádio. Para atuar no veículo, escondida da família, adotou o nome artístico de Nauda de Abreu (seu nome verdadeiro é Maria Avani). As vozes femininas mais famosas do Rádio Paraibano foram a própria Nauda, que foi promovida a locutora da Rádio Arapuan em 1957 através de teste, Ana Paula, Irece Botelho (aposentadas) e Zélia Gonzaga, morando no Paraná.



O surgimento de novas emissoras deu origem a programas jornalísticos que deixaram sua marca no Rádio paraibano. Na Rádio Arapuan, segunda emissora da capital, destacou-se o seu *Plantão Arapuan*, irradiado diretamente da Central de Notícias Dulcídio Moreira, local onde os radioescutas e noticiaristas viravam o dial do receptor à cata de notícias. *Antena Política* e *Dramas e Comédias da Cidade* foram programas que obtiveram grande aceitação pelo público ouvinte da Rádio Arapuan. Na Rádio Correio da Paraíba destacaram-se o *Rádio Repórter CP*, *Cidade Aberta* e *Diário Íntimo da Cidade*.

O formato dos noticiários seguia um padrão tradicional. Tinham duração corrida de 30 a 60 minutos, divididos em blocos de notícias locais, nacionais e às vezes internacionais. Na parte local a maioria dava ênfase aos assuntos políticos e administrativos, havendo necessariamente cobertura do dia-a-dia do Executivo, da Assembléia Legislativa e da Câmara de Vereadores.

Na fase em que se profissionalizava, o radiojornalismo paraibano era feito com a ajuda de radiotelegrafistas que, de fone nos ouvidos, captavam os boletins enviados em código Morse pelas agências noticiosas. Nas redações era comum a figura do *tradutor*, o encarregado de dar forma às notícias nas longas tiras de papel remetidas pelos telegrafistas. Quando assumiu a direção da Rádio Tabajara, Antônio Lucena criou o Rádio-Espetáculo e incentivou o radiojornalismo na emissora oficial, através de uma estrutura física que deu melhores condições de trabalho aos redatores, repórteres e telegrafistas. As edições dos jornais radiofônicos na época eram longas, discursivas e com características musicais bombásticas, geralmente dobrados brasileiros e marchas do americano John Philip Sousa.

O quadro hoje

Atualmente poucas emissoras da Paraíba dedicam espaço ao radiojornalismo. A Rádio Cidade Verde, mais nova emissora de João Pessoa, afiliada à Rede Jovem Pan Sat, executava um dos mais completos radiojornalismos do Estado. Na sua programação matinal, o *Programa Germano Barbosa*¹⁰ mobilizava repórteres com *flashes de* acontecimentos da cidade e um informativo de hora em hora, seguindo a linha jornalística da Jovem Pan AM. A Rádio Tabajara levava ao ar dois jornais diários que eram apresentados no início da manhã e no começo da noite, totalizando, juntos, uma

¹⁰ A Rádio Cidade Verde foi vendida à Igreja Universal do Reino de Deus. Ao final do seu programa, Germano Barbosa teria sido chamado à sala da direção da emissora e secamente foi comunicado que o programa não iria mais ao ar no dia seguinte e que ele, juntamente com quase todos os funcionários da emissora estavam demitidos.



hora e meia de duração. O governo do Estado pagava às estações retransmissoras e talvez por isso algumas Rádios de oposição, como a Difusora Cajazeiras, também entravam em cadeia. Às quintas-feiras era praxe até 1995 as emissoras do Estado de orientação oficial retransmitir o programa *Palavra de Honra*, com o governador da Paraíba.

A Rádio Tabajara pode ser considerada uma emissora privilegiada, no paupérrimo campo do Radiojornalismo paraibano. Sua conexão através cadeia estadual promovia intercâmbio regular diário com as emissoras dos principais municípios, abastecendo o seu Departamento de Radiojornalismo. Não dispo de fax e telefone celular, seus repórteres suavam a camisa para cobrir os fatos na capital do Estado. Contava apenas com uma linha telefônica exclusiva, por meio na qual os repórteres se revezavam apurando as informações. Seu carro de FM só em 1995 começou a ser usado com maior frequência nas reportagens externas. O antigo teletipo da emissora teve de ser desativado porque não foi mais possível renovar o contrato com as agências de notícias. A questão foi minimizada com o aluguel de um canal de satélite, que facilitava o contato com outras emissoras, mas ainda insuficiente para cobrir os acontecimentos nacionais, fazendo-se necessário manter ainda funcionando um serviço de Rádio e TV escuta.

Nas emissoras do sistema Correio (Correio AM, FM do Povo, CBN e outras no interior do estado) os próprios locutores atuavam as vezes de repórteres, apelando para o *gilete-press*. A Rádio Sanhauá tem um Departamento de Radiojornalismo que depende de um Departamento Comercial pouco atuante. Dispõe de um carro de externa que só em 1995 começou a atuar mais sistematicamente nos trabalhos de apuração jornalística. Antes, como a viatura se prestava a outros afazeres, os repórteres chegavam a utilizar seus próprios transportes.

Este quadro é um reflexo da atitude dos empresários da comunicação na Paraíba que subestimam a qualidade do meio. Não investem em produção porque, acham eles, não teriam retorno publicitário, criando-se assim um ciclo vicioso que não aponta para qualquer mudança em curto prazo. O principal setor afetado nas emissoras AM, sem dúvida, é o do jornalismo que demanda um mínimo de produção. Algumas emissoras dispõem de departamentos afins, mas a maioria se limita a reservar um ambiente para os poucos jornalistas contratados. As emissoras FM, além de possuírem toda uma infra-estrutura com bastante vida útil ainda e atraírem maior volume de publicidade, despendam muito pouco em produção. As despesas, praticamente, são

oriundas dos encargos gerais e de pessoal, que, na maioria, nunca ultrapassa os dez funcionários, incluindo os *locu-operadores* que já são comuns em grande parte das Rádios e que ajuda a **racionalizar** os recursos humanos. O jornalismo paraibano apresenta também um fenômeno que é comum ao que é exercido na maioria das capitais brasileiras. A baixa remuneração dos profissionais leva um em cada três jornalistas paraibanos a exercer função de assessor de imprensa em órgãos públicos e, o que é pior, em assessorias parlamentares. A tendência, no Estado, é fazer com que as assessorias sejam ocupadas por um jornalista político.

Até 1990 o grupo do Sistema Correio de Comunicação esteve afinado com o governo de Tarcísio Burity. Depois voltou a fazer oposição ao PMDB; essa gangorra parece ter sido favorável aos empresários do grupo, até porque sua indefinição partidária propiciou arranjos e alianças com quase todas as correntes políticas estaduais. Atualmente o grupo sofre pressão do governo (do PSDB) por ter apoiado o ex-governador José Maranhão (do PMDB)

Auto-intitulada *independente*, a Rádio Sanhauá, na verdade, faz da oposição ao Governo do Estado sua bandeira partidária. Desde sua fundação, a emissora foi obrigada, pelas circunstâncias políticas do final dos anos 1980 e de 1990, a ser contrária à administração estadual. Esse posicionamento, contudo, não se aplica à prefeitura da capital. Até 1997, a Rádio encabeçava a Cadeia de Emissoras Independentes, segunda maior do Estado, dentro de uma orientação majoritariamente oposicionista. Algumas emissoras do interior paraibano também mantêm vínculos com as prefeituras locais, o que tem levado seus proprietários a se unirem em torno de projetos políticos comuns.

Tratando-se de um Estado pequeno e pobre, a Paraíba não comporta todas as estações de Rádio operando 24 horas por dia, apenas um índice de pouco mais de 10 por cento em 1995, e assim mesmo nas cidades de atividade econômica e social mais intensa. A maior parte dessa programação notívaga é musical, com exceção da Rádio Tabajara que transmitia via satélite, no início da madrugada, um jornal produzido pela Rádio Nacional de Brasília. Outras emissoras também entravam em cadeia via satélite como a Líder FM e a Cidade FM, cujos nomes de fantasia incorporavam a denominação das redes a que estão ligadas.

Essa afiliação era relativamente barata: um mil dólares mensais. Embora ajudasse na redução dos custos operacionais, a programação não era nacionalizada. O radiojornalismo dessas emissoras que transmitem via satélite têm pouca participação de assuntos locais; muitos deles são apenas questões de interesse dos políticos-



empresários. Em dez anos aconteceu uma reviravolta no setor empresarial da radiodifusão: muitas emissoras abandonaram as redes e foram adquiridas por grupos de maior potencialidade econômica e política. Uma delas, a Rádio Arapuan, foi adquirida pelo Sistema Correio da Comunicação e retransmite a programação da CBN.

Os programas jornalísticos de longa duração, capitaneados por comunicadores nem sempre jornalistas, são os responsáveis pelos maiores índices de audiência, tanto nas Rádios AM quanto FM. Como as emissoras, devido a pouca potência, não cobrem todo o Estado, a solução foi a formação das grandes cadeias, que propiciam uma melhor qualidade às transmissões. A Cadeia de Emissoras Independentes, liderada pela Rádio Sanhauá irradiava às sextas-feiras o *Debate sem Censura*. As emissoras do Sistema Correio no Estado entravam em cadeia com a Correio AM, de João Pessoa, no mesmo dia, para a retransmissão do *Correio Debate*, irradiado diariamente na capital. Em Campina Grande, a Rádio Caturité, mesmo afinada com o Governo, transmite o *Jornal da Verdade*, no horário em que as outras estações do esquema oficial estão em cadeia com a Rádio Tabajara e seu *Jornal Estadual*. Seguindo uma tendência nacional, o fenômeno dos comunicadores é uma marca no Rádio paraibano. Grande parte dos programas leva o nome de seus apresentadores.

A maioria dos radialistas paraibanos recebe salários baixíssimos, principalmente no interior do Estado onde o piso da categoria é menor do que na capital. Alguns *privilegiados* conseguem fazer comerciais e assim aumentar o míngua salário. Poucos jornalistas profissionais se habilitam a trabalhar apenas no Rádio, sem que lhes sejam permitidas outras atividades na imprensa. A maioria, sem acesso à formação especializada, por vocação aprendeu e se reciclou *no batente*. Outros foram descobertos *por acaso* e alçados a radialistas por indicação política ou apadrinhamento dos políticos-empresários. Se o afilhado já tiver alguma experiência, como o são alguns que atuam nas campanhas eleitorais, o vínculo ganha novo reforço: uma assessoria de imprensa junto ao governo estadual, junto a alguma prefeitura ou a algum parlamentar. Pode ainda abocanhar uma terceira fonte de salário: ser credenciado junto à Câmara Municipal ou Assembléia Legislativa. A Associação Paraibana de Imprensa admite a prática (condenada pelo Código de Ética do Jornalista) como a única maneira imediata de aumentar os rendimentos dos profissionais. O Sindicato dos Jornalistas tem a mesma posição, porém encontra grandes dificuldades para fazer cumprir o código.

Os comunicadores *imparciais* não encontram lugar nessa mixórdia ideológica onde se debatem paixões comprometidas, sobretudo nas emissoras AM que dedicam

mais tempo à informação e ao discurso. Os poucos que conseguem ingressar no meio são aconselhados a *falar pouco e a comentar abobrinhas*, sendo para eles destinados horários *menos nobres*. Como exemplo, pode ser citado o caso de um radialista da Rádio Rural de Guarabira (no interior do Estado, ligada ao PDT), que apresentava um programa com músicas do passado e foi impedido de fazer algum noticioso, porque pertencia a um partido tradicional de esquerda.

O caso Rádio Tabajara

Nascida já estatal no governo de Argemiro de Figueiredo em 1937, a emissora, ao lado do centenário **A União**, faz parte do esquema oficial de divulgação do governo da Paraíba. Tendo a primazia de ser a primeira estatal da Radiodifusão brasileira, a Rádio Tabajara ao longo de sua existência vivenciou altos e baixos, fruto do oscilante pêndulo político paraibano; ora pendia para a esquerda, ora para a direita, sempre em consonância com os ocupantes do Palácio da Redenção (sede do governo estadual) que indicavam seus diretores. Nas comemorações pela passagem de 60 anos da emissora oficial, o diretor Petrônio Souto, lamentava ter que administrar uma estação sucateada com centenas de funcionários admitidos sem critério, e sem personalidade jurídica definida: uma empresa em liquidação ainda não liquidada e ao mesmo tempo autarquia criada por lei ainda não instalada, às voltas com grandes problemas trabalhistas. Na sua gestão, relatou o jornalista Petrônio Souto, conseguiu saldar as dívidas, exceto a trabalhista, obteve a concessão da FM (já em operação), elaborou projeto técnico para aumento da potência da AM, de 10 para 25 kw, substituiu a velha frota por veículos 0 km, informatizou os setores burocráticos e adquiriu equipamentos de última geração como CDs, MDs e microfones sem fio. Assinou convênio de parceria com a UFPB (para a veiculação de programas produzidos pelos alunos do curso de comunicação social), Radiobrás, BBC e Voz da América.

Entre 1974 e 1975 a Rádio Tabajara manteve no ar duas programações simultâneas: uma comercial, pela onda média, visava à audiência na capital concorrendo nas pesquisas do Ibope; a outra programação era veiculada pela onda tropical em três blocos de horários distintos, destinada às classes A/B. Segmentada em clássicos, muita música brasileira, literatura e entrevistas culturais, assemelhava-se às FMs de boa qualidade, sem o som estéreo destas últimas. A idéia, rotulada de revolucionária, surgiu



na gestão do jornalista Carlos Roberto de Oliveira à frente da direção geral da emissora. Ele recorda a repercussão:¹¹

Demonstrando irritação e com a voz tonitroante que se tornou conhecida praticamente em todo o país, o então governador Ernani Sátiro me reclamou acicamente por não estar conseguindo ouvir as peças de Schubert, Mozart, Beethoven e outros monstros sagrados da música que, diariamente e pelos jornais, a Rádio Tabajara anunciava como atrações de sua programação. O Dr. Ernani Sátiro não atentara para o detalhe de que devia sintonizar a Onda Tropical da emissora e não a Média onde, ao invés da música erudita, lhe eram oferecidos sucessos de Roberto Carlos, Elza Soares, Altemar Dutra e Jair Rodrigues. Aborrecera-se e pedira a Otinaldo Lourenço, na época Secretário da Comunicação, que me levasse à sua presença para que ele, de viva voz, me repreendesse pelo que considerava um ludíbrio e um desrespeito aos leitores/ouvintes.

-- Amigo velho, auxiliar meu não pode mentir – disse tentando, com o dedo indicador, afrouxar o colarinho da camisa. Não admito que a Tabajara convide para ouvir o mestre de Salzburgo e agrida os nossos ouvidos com a voz fanhosa do menestrel de Cachoeiro do Itapemirim.

Após ouvir as minhas explicações sobre a sintonia das duas ondas da emissora, já há alguns meses funcionando separadamente, o governador Ernani Sátiro não só desanuviou o semblante como, com ares de sincera satisfação, me cumulou de atenções por “ter transformado uma rádio em duas sem criar maiores despesas para o Estado”. Atender à classe intelectualizada com uma programação radiofônica de alto nível musical, através da Onda Tropical, e dotar a Onda Média de um estilo que, alguns anos depois seria o de dezenas de FMs que invadiram o país, foram duas decisões que, a meu ver, marcaram a minha curta passagem pela direção geral da Rádio Tabajara da Paraíba. Cheguei à emissora em janeiro de 1974, indicado por Otinaldo Lourenço e convidado pelo governador Ernani Sátiro [...] Logo depois, a Onda Tropical, encontrada desativada, entrou em operação oferecendo aos ouvintes jazz, peças clássicas e música popular de boa qualidade.

Os diretores da emissora oficial, ao longo dos anos, sempre estiveram às voltas com a *obrigação* de transmitir todas as solenidades oficiais, por mais simples e inúteis que fossem. Para isso criou a figura do *locutor oficial*, selecionado pela beleza e potência da voz, nem sempre pelo QI:¹²

Começara o expediente de uma preguiçosa segunda-feira quando toca o telefone. Era o governador que começou logo perguntando “porque a Tabajara não transmitiu, apesar de minha recomendação, a inauguração da escola em Lagoa Seca ontem à tarde”. Expliquei-lhe então que, à mesma hora jogavam em João Pessoa Botafogo e Treze, disputando o título estadual, e interromper a transmissão da partida para entrar com a inauguração de um grupo escolar seria um desastre para a audiência da emissora. E arrematei a argumentação de forma tão ousada quanto, pelo menos me pareceu, irresponsável:

-- Governador, preferi continuar com a transmissão do jogo a expor V.Exa. e familiares aos sonoros “elogios” de milhares de torcedores paraibanos.

No outro lado da linha telefônica o Dr. Ernani pigarreou e com um “entendi, meu velho”, desligou. Nunca mais voltou a falar comigo sobre transmissões oficiais.

O Radialista Lenilson Guedes, que durante oito anos ocupou o cargo de diretor operacional da emissora, em depoimento sobre o início de sua carreira no Rádio, lembra que:¹³

¹¹ OLIVEIRA, 1987, p. 34.

¹² OLIVEIRA, op. cit. p.34.

¹³ Depoimento ao autor, 1998.

Wilson Braga era governador na época [década de 1980], houve uma inauguração ali em Bayeux [cidade da Região Metropolitana de João Pessoa] e era um domingo. Fui escalado só como repórter. Peguei o gravador para a cobertura da solenidade para que depois Pedro Moreira [diretor de Radiojornalismo da Tabajara na ocasião] editasse e colocasse no Jornal Estadual. Aí faltou o locutor, o mestre de cerimônias. Wilson Braga olhou para mim, viu que eu estava no carro da Rádio Tabajara e perguntou: “como é, a Tabajara não vai transmitir não?” Eu disse “não, governador, eu não vim com essa tarefa, não.” Ele insistiu: “mas não vai transmitir não?” Eu respondi: “não”. Aí ele ficou com raiva. Terminou a solenidade e eu saí com o motorista de volta para a Rádio. Pedro Moreira estava lá me esperando para que passasse as informações para ele. Quando chegamos na altura de Oitizeiro [bairro da periferia de João Pessoa] o carro do gabinete militar, que vinha seguindo a gente, mandou a gente estacionar. “Vocês estão indo pra onde?” “Pra Rádio Tabajara”. “Pois é bom que vão mesmo porque o governador está indo pra lá daqui a pouco. Está revoltado porque a Rádio não transmitiu a solenidade. E a gente está seguindo vocês. Não tentem desviar do caminho”. E fomos pra Rádio. Dez minutos depois chega o governador. Era domingo e foi difícil encontrar Raposo e Roberto Carlos [superintendente e diretor operacional, respectivamente]. Eu sei que conseguiram localizá-los...e se trancaram lá dentro...Wilson Braga dava murros na mesa dizendo que ia abrir um inquérito administrativo porque estavam armando um complô político contra ele, que não entendia como é que a Tabajara não tinha comparecido. Aí descobriram que a culpa foi do locutor oficial que não compareceu no local da solenidade. Havia improvisado um locutor, um locutor de carro de som, analfabeto, que começou a dizer besteira e Wilson Braga se irritou porque o presidente do [então] BNH estava presente, até à minha chegada.

A emissora oficial sempre foi matéria das colunas especializadas em Rádio das revistas de circulação nacional:¹⁴

Haroldo Miranda e Mara Saldanha iniciaram uma longa temporada ao microfone da emissora oficial, a rádio Tabajara. De início, o animador dos brotinhos lançou a **Revistinha das Doze**, um broadcast alegre que tomou conta da cidade.

Jurandi Barroso escreve e a estação oficial irradia diariamente às 12.30 **Uma coisa e outra** divertido programa com a participação de comediantes, cantores e conjunto musical. Quadros interessantes apresentando aspectos da vida quotidiana fazem de **Uma coisa e outra** um broadcast digno de ser ouvido na hora do almoço.

Na gestão de Ronaldo Cunha Lima à frente do governo da Paraíba, seu filho Cássio Cunha Lima, ex-prefeito de Campina Grande (reduto eleitoral do clã Cunha Lima) e ex-deputado federal (o mais jovem da Câmara Federal durante seu mandato) assumiu a Superintendência da SUDENE. No cargo, passou a receber muitas críticas dos adversários. Ronaldo Cunha Lima é do PMDB, dado a despachos em forma de versos e também um bom copo. Alegando que o ex-governador Tarcísio Burity teria criticado violentamente o filho-superintendente em programa na TV O Norte, que na época era afiliada ao SBT, Ronaldo Cunha Lima encontrou-o no restaurante Gulliver, na praia de Tambaú, e atirou nele diversas vezes; o ex-governador Burity carregou até seu falecimento em 2003 as seqüelas dos disparos, pois um dos tiros acertou-o na boca. A Assembléia Legislativa da Paraíba e o Senado Federal negaram autorização para que o

¹⁴ *Radiolândia*, 31 jul. 1954, p. 10.



atirador respondesse a processo como governador e senador, respectivamente (depois do atentado Ronaldo Cunha Lima deixou o governo e elegeu-se Senador).

Redações de jornais e emissoras de Rádio e Televisão, até em nível nacional, alvorçaram-se com o que o jornal oficial **A União** classificou de *incidente do Gulliver*. Na emissora oficial chegaram boatos de que o ex-governador Tarcísio Burity teria sido baleado enquanto almoçava e estava sendo operado no Hospital São Vicente de Paula. O carro de reportagem da Rádio Tabajara foi deslocado para o referido hospital a fim de dar cobertura ao fato. No caminho, detalhes e uma ordem para os repórteres: foi o governador Ronaldo Cunha Lima quem havia atirado; ordem, retornar imediatamente à emissora e esperar. Lenilson Guedes, diretor operacional da Rádio Tabajara, conta:¹⁵

Eu fiquei surpreso e até achei que fosse uma piada. Procurei então sintonizar as emissoras de Rádio. Eu, que era diretor de programação da Tabajara, não obtive informações na emissora da qual eu era diretor. Eu procurei nas outras emissoras para saber dessa informação, porque eu sabia que a Tabajara não daria a notícia. Saí às pressas de casa e me dirigi à Rádio e lá encontrei todo mundo confuso também. As emissoras de outros estados já telefonavam pedindo que a gente passasse boletins. A gente não tinha nada, porque, como era uma Rádio do governo, a gente não sabia nem que posicionamento tomar. Depois fui direto para o Palácio da Redenção pra me inteirar dos acontecimentos e saber de que forma a Tabajara ia noticiar o episódio. No Palácio encontrei todo mundo confuso. Deodato Borges, que na época era Coordenador de Comunicação e todo mundo desorientado; as pessoas não sabiam que atitude tomar. Chamei Deodato e procurei saber se a Rádio ia noticiar ou não. Ele pediu que agüentasse um pouco porque depois ia sair uma nota oficial do Governo. A Rádio Tabajara só se pronunciou sobre esse fato depois que o governo soltou uma nota. Interessante que choveram telefonemas para a Tabajara: as pessoas achavam que, por ser a emissora do governo, a Rádio teria mais credibilidade para informar sobre o atentado, por ter acesso à alta cúpula do governo.

Mais uma vez a informação foi sacrificada em função de interesses político-partidários e do poder oficial do Estado. Ficou comprovado, portanto, que a tendência oficial da Rádio Tabajara é sempre obedecida. Esse *oficialismo* pode estar presente nas demais emissoras de Radiodifusão do Estado, porém, de um momento para outro podem se inclinar no sentido de novo direcionamento. Com as mudanças constantes no quadro político estadual, essas Rádios, no rastro dos donos e sócios, podem se tornar opositoristas num piscar de olhos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*. 2. ed. João Pessoa, Imprensa Universitária, 1977. 250 p.

A VOZ DE LONDRES. Londres: British Broadcasting Corporation, n. 390, 26 set. 1945.

¹⁵ Depoimento ao autor, 1998.



BARRETO, Adalberto. Rádio Tabajara, meu amor. In: MELLO, José Octávio de Arruda; VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) *Rádio Tabajara 50 anos: 1937-1987*. João Pessoa, A União Editora, 1987. p.18-20. 42 p.

EGYPTO, Ednaldo do. PRI-4: mão forte ao teatro paraibano. In: MELLO, José Octávio de Arruda & VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) *Rádio Tabajara 50 anos: 1937-1987*. João Pessoa, A União Editora, 1987. p.23-24. 42 p.

GOLDFEDER, Miriam. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. 205 p.

LEAL, Wills. E raiou um novo som nas noites calmas da província. In: MELLO, José Octávio de Arruda & VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) *Rádio Tabajara, 50 anos: 1937-1987*. João Pessoa, A União Editora. P.28-30. 42 p.

MARANHÃO FILHO, Luiz. *Memória do rádio*. Recife, Jangada, 1991. 95 p.

MELLO, José Octávio de Arruda. Rádio Tabajara: 50 anos em prol da cultura da Paraíba. In: _____ & VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) *Rádio Tabajara 50 anos: 1937-1987*. João Pessoa, A União Editora, 1987. p. 7-14. 42 p.

NORONHA, Linduarte. Rádio Tabajara – in memoriam. In: MELLO, José Octávio de Arruda &

VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) *Rádio Tabajara 50 anos: 1937-1987*. João Pessoa, A União Editora, 1987. p. 29. 42 p.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo, Summus, 1985. 117 p.

SANTOS, Hayton. *O Rádio paraibano em álbum de recordações: 1932-1960*. João Pessoa, 1977.